

RECORDAÇÃO DE BENI CARVALHO

CRUZ FILHO

Dia de severo luto para o Ceará, quiçá para o Brasil, foi o de 22 de janeiro do ano fluente, data em que perderam para sempre um dos mais brilhantes expoentes da sua cultura, nomeadamente no terreno literário e no das suas letras jurídicas — o professor Benedito Augusto Carvalho dos Santos.

A Casa de Juvenal Galeno, consoante o seu nobilitante programa de render preito às figuras de prol de nossa terra, realiza a presente reunião no sentido de prestar merecida homenagem à memória do grande cearense desaparecido, com a aposição do seu retrato na galeria dos nossos poetas mortos, tendo-me concedido a Doutôra Henriqueta Galeno, sua preclara Diretora, a grande honra de interpretar o sentimento da mesma Casa, em face do acerbo golpe que roubou Beni Carvalho ao grêmio dos vivos.

Peço, pois, à nobre assistência um minuto de silêncio, durante o qual evoquemos todos, neste recinto, onde, por mais de uma vez, ressoou a sua voz, o vulto inconfundível do nosso inolvidável contrerrâneo.

Não é com a simples palavra da amizade, com a palavra um tanto convencional de uma palestra de salão, que se deve falar

* Palestra proferida na Casa de Juvenal Galeno, em 22 de fevereiro de 1959.

de Beni Carvalho, procurando-se fazê-lo reviver por um momento, na sua integral individualidade de homem de letras e de provecto mestre da ciência do Direito, às quais serviu, em vida, como a um apostolado, com a força da sua erudição e o fascínio do seu excepcional talento.

O pensador, o poeta, o prosador exímio e o jurista que nêle se encarnaram, em simbiose mental mais do que refulgente, requerem a competência do crítico de letras, a ciência do filólogo e a sapiência do analista jurídico, uma vez que se há de definir e classificar o mestre incomparável da palavra escrita que êle foi, nos domínios da prosa e do verso, e o cultor do Direito, que nêle assumiu proporções que o furtam às contingências das leis da morte.

Demonstram eloqüentemente a legitimidade dêste conceito, não as palavras do amigo perpétuamente contundido pela irreparável perda, mas a evidência, o esplendor, a rutilância da própria obra literária e jurídica que nos legou êle, a qual está a delatar, não só o ourives meticuloso do estilo, mas o mestre incontestável que deixou esculpida, no bronze da frase, naqueles departamentos do saber, a comprovação da sua excelsa capacidade mental, seja na inspiração e arquitetura dos seus poemas, seja na sedução e vigor da sua crítica, seja na segurança e agudeza dos seus juízos, no terreno da ciência do Direito.

Beni Carvalho nasceu na cidade de Aracati, dêste Estado, em 3 de janeiro de 1886. Transportou-se para Fortaleza em 1903, e aqui fez o seu curso secundário e se matriculou na Faculdade de Direito do Ceará de onde se transferiu para a Faculdade de Direito da Universidade do Recife, na qual, em 1911, recebeu o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais, após a realização de um currículo que prenunciava a vitória da sua carreira de homem de letras.

Submetido a concurso para catedrático de Direito Penal, na nossa Escola Jurídica, foi nomeado, em 1918, para a regência daquela cátedra, e ali deixou memorável tradição de sua passagem, como mestre da referida disciplina.

Em 1921, candidatou-se a um concurso do Colégio Militar do Ceará, a que se procedeu no Rio de Janeiro, no qual teve como examinadores o eminente filólogo Mário Barreto e o projecto professor e gramático Hemetério dos Santos. Vitorioso no duro certame, no qual acertou de enfrentar aquêles dois aspérrimos examinadores, foi nomeado catedrático do mesmo Colégio, de onde teve transferência, em 1937, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Essa carreira levou-o recentemente ao generalato.

Naquela capital, exerceu mais tarde, com o maior brilho, a alta função de membro do Conselho Nacional de Educação.

Além dessas atividades no magistério civil e militar, foi Beni Carvalho Vice-Presidente do Ceará (1928-1930), Deputado Federal em duas legislaturas e Interventor no mesmo Estado, no governo do Ministro José Linhares.

A sua mais do que rápida passagem pela Interventoria Federal do Ceará, num momento convulsionado da vida política e administrativa do Estado, após a queda da ditadura de Getúlio Vargas, assinalou-a Beni Carvalho com atos que enaltecem o seu nome, culminando com o seu trabalho junto ao então Presidente José Linhares em prol da refederalização da nossa Escola de Direito, o que logo se converteu em realidade por decreto federal de 24 de janeiro de 1945.

Deve-se ainda ao ilustre Interventor a restauração do Tribunal de Contas do Ceará, cujo funcionamento havia muito era insistentemente reclamado.

Beni Carvalho contraiu núpcias, em 1924, com a Exma. Sra. Dona Branca de Figueiredo Carvalho, tendo tido o casal três filhos — Beni, falecido em criança, Maria Branca, casada com o Capitão do Exército Abelardo Brown e Helena Maria, casada com o Dr. Célio de Oliveira Borja, professor da Faculdade de Direito de Niterói.

E' bem provável que a tôdas as suas atividades em diversos setores sobrepusesse êle as que, com o maior brilho, dedicou às

belas letras, como prosador e poeta de opulentos dotes, mercê de vasta e sólida cultura literária e de assinalados recursos artísticos, disciplinados intensamente com o meneio de meia dúzia de idiomas cultos. No trecho de seu trabalho que passo a ler, percebe-se claramente que atribuía êle eminente papel à arte literária no conjunto das eriações do espírito humano.

“A vida, malgrado o seu realismo grosseiro, ainda consegue suscitar, no homem de hoje, um alto surto de idealidade e de beleza, capaz de enobrecê-la, de elevá-la, de marcar-lhe uma finalidade cósmica.

É êsse, precisamente, o seu aspecto maior, porque êle representa e encarna a dinâmica imaterial e maravilhosa da Ação. Sem êle, a existência não teria razão de ser. Ânsia do Além, culto do Ideal, Alegria mais pura de viver, êle cria, ao lado da realidade crua e do interêsse despótico, um suave e lúcido ambiente de ascensão moral, de superioridade emotiva, que condiciona a virtude, estabelece a ordem suprema das Idéias, conduz à Perfeição.

Eis porque o mundo, mais do que nunca, tem hoje necessidade do sonho, do amparo espiritual da Ilusão.

Sòmente com êsse, poderá conseguir-se a mágica eurritmia da vida, o equilíbrio estável dos povos.

A existência atual do homem no planêta deve, por isso, lògicamente, resultar de duas grandes fôrças: a Realidade e a Idealidade.

A predominância ou exclusividade de qualquer delas será o aniquilamento, a ruína total da Beleza, que, antes de tudo, deve ser ritmo, consonância, harmonia perfeita.

Para tal, porém, é imprescindível que êle se faça artista, mas artista na grandiosa eloquência da expressão.

A Arte, portanto, não se pode constituir apenas o refletor servil da Natureza, nem, tampouco, ascender ao vácuo, mergulhar na inatividade das abstrações, dissociar-se dos desígnios humanos do seu tempo.

Todos conhecemos os debates que, nesse particular, o pen-

samento filosófico vem levantando, em delírio, dentro dos séculos.

Mas, em que pèse à força, à rutilância dos seus conceitos e dos seus órgãos, à sugestão avassaladora e imprevista de seus paradoxos, — o fenômeno estético não pode ser explicado por meio de uma pobre fórmula unilateral e estreita, incapaz de focalizar-lhe a grandiosidade finalística.

Os que assim o fizeram, ou ainda o fazem, já escravizando-se à Natureza, já desprezando a vida, evadindo-se do seu momento histórico, perdendo-se numa falsa espiritualidade, num idealismo sem sublimidade humana — todos êsses, dentro dos seus chamados cânones estéticos, a seu modo desvirtuam a Arte. E inferiorizam-se. E desintegram-se. E, bárbaros, mutilam o Belo.

Sob o primeiro aspecto, isto é, cativos da realidade absoluta, arvoram-se, destarte, não raro, em escafandristas da torpeza, em analistas vesânicos da criminalidade, em pesquisadores da morbidez, em suas exteriorizações mais complexas.

E, assim, com processos tais, — já o firmara fino psicólogo, — só reproduzem as funções inferiores da humanidade.

Eis uma visão subvertida da Arte. Certo que, sôbre todos êsses materiais, não é vedado ao artista trabalhar. Certo que, nesse pântano, êle pode projetar a fotosfera mágica do seu espírito; mas cumpre que o faça sem obsessão doentia, do alto, procurando trazer à tona da vida as vitórias régias da Beleza.

Sem isso, sem a criação de estados emotivos superiores, sem uma finalidade sociológica, sem um sôpro apostólico de evangelização, a Arte teria, simplesmente, um objetivo inútil e mesquinho. Mas, se, por um lado, essa Arte-cópia fotográfica da Natureza, essa Arte — fac-simile do mundo exterior leva a êsses resultados, por outro, a Arte-idealidade pura, a Arte-metafísica, a Arte-vacuidade não deixará de conduzir a conseqüências mais ou menos semelhantes.

Erro também será, nesses domínios, colocar o homem em plano inferior à natureza, conferindo a esta, na obra artística,

a maior contribuição. Ou, ao contrário, admitir a Natureza como uma cópia da Arte."

Não é outra a opinião de Lange, o grande pensador alemão, quando afirma: "Uma coisa é certa: o homem tem necessidade de completar a realidade com um mundo ideal, que êle próprio cria, e para essa criação concorrem as mais altas e as mais nobres funções de sua inteligência".

De fato, há no homem uma energia irreduzível, que não quer abdicar dos seus direitos de livre expressão, e a cuja sede só indiretamente chegam os tempestuosos marouços do mundo exterior.

A contemplação filosófica do Universo ou de qualquer dos seus aspectos constitui, só por si, um belo poema. É certo que a compreensão estética dêsse poema não estará ao alcance de todos os homens, uma vez que tal visão se encontra na dependência de circunstâncias especiais, a que não é estranha a própria capacidade mental dos mesmos homens. Compreendê-lo, assimilá-lo e traduzi-lo é a missão do artista, sobretudo do artista à feição de Beni Carvalho, cujo espírito sonda, perquire, interpreta e adorna de pompas a criação artística.

Por outro lado, a Arte constitui uma como que evasão do mesmo espírito para o mundo dos "pensamentos de beleza", a que se refere o citado Lange.

Além da encantadora megalomania que acomete os poetas, convertendo-os, algumas vezes, em monarcas de reinos encantados ou em detentores de tesouros maravilhosos, tortura-os, não raro, a obsessão de fugir ao momento presente, à terra cheia de imperfeições e incompreensões, às contingências e vicissitudes da vida cotidiana. Deslocam-se, então, em raptos mentais, da época em que vivem, no intento de recuperar o passado, o passado da adolescência e da juventude — sorte de reino de fadas que lhes subtraíram cruelmente e que se lhes afigura agora repleto de tudo quanto ora lhes falta.

Essa poética obsessão teve-a Goethe, e revelou-a no prólogo em verso do "Fausto", e teve-a mais recentemente Marcelo

Proust, e denunciou-a, em linguagem algo sibilino, na série dos romances de "À la Recherche du Temps Perdu".

Derivará certamente êsse fenômeno psíquico do recôndito conflito travado entre o intransigente idealismo do artista e a fealdade moral da vida humana, feita de egoísmo, de dor, de incertezas e penas.

Demonstrando pertencer à linguagem dos idealistas goethianos, diz-nos Beni Carvalho, em nota posta no fim do seu livro de poemas:

"Versos... Explicar ainda porque se publicam versos.

Aí está uma coisa perfeitamente pueril.

Entretanto, têm, hoje, tal destino os que aqui se encontram, porque quem os fez quis — apenas para seu mundo interior — tentar o problemático milagre de reconstituir um passado desaparecido, experimentando a ilusão de que não morreu, de todo, nas emoções de outros tempos."

Que a poética obsessão perdurava 16 anos depois, comprova-o o soneto intitulado "Le Temps Retrouvé", cuja cópia me mandou êle em 1953, de sua vivenda do "Chapéu", situada nas imediações da cidade do Aracati, encimada por uma citação de Proust e uma quintilha de Goethe, em alemão, alusivas ambas ao objeto do soneto, que passo a ler:

*Recordações! vinde, de novo, agora,
Povoar-me o coração dos dias idos;
Tempos distantes, sonhos esquecidos,
Renascei, ressurgi, qual nova aurora!*

*Quero escutar os cânticos de outrora
E sentir os desejos já perdidos,
Numa renovação dos meus sentidos,
Revivendo uma vida, que, hoje, aflora.*

*Ó milagre divino da memória,
— Escafandro que traz à tona da alma,
De um mundo soçobrado, a heróica história,*

*O meu passado em flor, que recuperas,
Sem ti, seria olvido, eterna calma,
Zona abissal, destroços de outras eras.*

Não há motivo para justificar, perante um auditório culto, a supremacia da arte, de que Beni Carvalho foi meticoloso cultor. Basta dizer que o grande Davi Strauss, como consôlo à humanidade orfanada pela morte dos seus deuses, promovida pela ciência e filosofia do século XIX, assim se expressava: "Eu falava, há pouco, das obras dos nossos grandes poetas e dos nossos grandes músicos, do alimento que delas podemos extrair para o nosso espírito e para o nosso coração. Sem dúvida, a arte, em todos os seus ramos, tem por missão fazer-nos contemplar, ou pelo menos pressentir, num quadro restrito, a harmonia universal que penetra todo o conjunto dos fenômenos, que renasce sem cessar da luta perpétua das forças, harmonia cuja imensidade se nos revela através de todo o infinito. As grandes produções da arte plástica também agem no sentido religioso; mas tal ação é mais imediatamente própria da poesia e da música, e a êsse respeito tenho alguma coisa cá dentro."

Que quereria insinuar, com esta expressão reticente, o magno pensador d' "A Antiga e a Nova Fé"?

Como interpretar êsse anseio do homem, sobretudo do artista essa insatisfação, essa inquietude, êsses transportes mentais, essas estonteadas fugas para as Hespérides, senão como coleios do espírito, como recuos estratégicos, como, em suma, revelações obscuras da revolta do semideus criado em nós pela pluricelular educação da função cerebral ante o recalcitrante domínio do antropóide que com êle convive e ao qual tão-sòmente o instinto compele e orienta?

Em conclusão, tudo isso — Arte, Literatura, Poesia, em suma, serão sublimações oriundas da tragédia secreta do Centauro que em nós reside, ao qual a cabeça ordena e o corpanzil equino não quer obedecer...

Como escritor, ainda calando, por brevidade, a sua atuação, na qualidade de jornalista, na imprensa do Ceará e do Rio de Janeiro, aí estão, para dar eloqüente e incisiva comprovação dêsse aspecto da brilhantíssima mentalidade de Beni Carvalho, no campo das belas letras, duas obras de inestimável mérito:

"De Florete e de Luvas", publicada em 1935, e o radioso livro de poemas intitulado "Chama Extinta", sôbre os quais passarei a arriscar perfuntórios comentários.

O título da primeira das obras citadas, "De Florete e de Luvas", condiz excelentemente com o seu conteúdo. É constituída de dezesseis trabalhos de primeira ordem, três de crítica jurídica e os restantes de apreciações literárias, epístolas e discursos proferidos pelo autor em várias oportunidades.

Através das páginas dessa obra, vazada em estilo admirável, com todos os matizes da escala cromática do pensamento, esvoaça, num revôo fugaz de libélula, a mais fina e veludosa ironia, só comparável à de Eça e Fialho, mas deliciosamente "enluada", feição que a torna aliciante com relação ao leitor que lhe acompanhe os fugidios e sinuosos giros e intenções.

No ensaio intitulado "Os Proprietários da Língua", são, parece-me, ajustadas antigas contas com duas figuras daquilo a que o ensaísta chama "gramaticalismo", e não sei com que argumentos defensivos poderiam os seteados curar-se dos golpes desferidos contra êles, tal o vigor e a agilidade do florete hábilmente manejado pelo bravo escritor.

De luvas, e de luvas da mais fina camurça, lida ali ainda Beni Carvalho com João Brígido, Medeiros e Albuquerque, Pontes de Miranda e com a conhecida "ginagoga" Maria Lacerda de Moura, pondo embargos bem ponderados a quanto aberre de certas normas fora das quais não pode haver nobreza dentro do âmbito da coexistência humana.

No discurso que pronunciou, em 1933, como paraninfo dos concludentes do curso jurídico da nossa faculdade de Direito, concita êle a turba de bacharéis daquele ano à reação contra as onímodas fôrças de desagregação que ameaçam o mundo e a sociedade, oriundas tôdas elas de uma complexidade de fatores com base no egoísmo dos homens, cada vez mais requintado ao contrato da aspereza e agressividade da luta pela vida, em quase tôda a extensão do nosso planêta.

Ouvi um pequeno trecho daquela apologia da coragem e da decisão, constante do discurso citado:

“À mocidade que surge para o Amanhã jamais será lícito transigir com essa vil atitude mental.

Reagir — eis o que cumpre fazer. E reagir, aqui, é ser sincero. É transmitir ao exterior, fielmente, tôdas as lutas, tôdas as agitações do Eu. É fazer da palavra o sismógrafo do espírito, o refletor da verdade, e não o aparelho da dissimulação.

Mas, srs., só se alcançará êsse belo destino pela coragem que Emerson definia como “o querer perfeito, que nenhum terror pode abalar”.

A coragem, porém, de que, aqui tento fazer-vos o elogio, não é a do instinto de defesa animal. Não é a coragem física; — é a coragem moral, a coragem das idéias, a intrepidez dos sentimentos, a eloquência do gesto, o heroísmo das atitudes. Não é a coragem do *boxeur*; é a coragem do pensador e do sociólogo. Não é a bravura orgânica do soldado que caminha para a morte como um sonâmbulo; é a verticalidade, a integridade do juiz.

Não é a arte de metralhar; é a arte de realizar a justiça. É a estratégia do general que assume a responsabilidade de um plano de batalha. É a audácia do sábio que sobe a estratosfera para estudar, os raios cósmicos.

É a intrepidez do apóstolo que semeia um ideal superior.”

Coragem! broquel de aço de Turenne, Fábio Máximo e Pétain — esta jamais faltou ao punho de Beni Carvalho, sempre que a sua pena houve por bem solapar e derruir os bastiões onde sóem alapadar-se a prepotência e a impostura.

Em secção especial do livro ora comentado, ao lado de bem medidas apreciações de obras literárias de Raquel de Queirós, Maria Eugênia Celso e Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça, faz o nosso escritor judiciosas críticas a obras jurídicas do Professor Queirós Lima, do Desembargador Carlos Xavier e do Doutor José Joaquim de Almeida, mediante argumentos que, dada a solidez da lógica em que se esteiam, escapam à possibilidade de quaisquer contestações ponderáveis.

O outro livro deixado pelo sempre pranteado conterrâneo, "Chama Extinta", obra em que coligiu as suas composições poéticas escritas até 1937, não se enfileira entre as centenas de volumes de versos que anualmente se publicam entre nós, na sua quase absoluta totalidade condenados a merecido olvido.

Pensamentos altos, expostos com vigor e clareza, em estrofes lapidares, coerentes com os temas escolhidos, ora tomados às fontes da natureza ambiente, ora extraídos do mundo interior que ressoa dentro de cada ser humano, os poemas de Beni Carvalho seduzem por tudo isso, e não menos pela forma algo parnasiana que os reveste e opulenta, como se se tratasse de autênticas jóias.

O verdadeiro poeta é um mágico. Do nada extrai um mundo — um mundo de sonho, mas palpitante, ainda assim, de certa realidade metafísica. A poesia — diria Shakespeare — é a sugestão produzida pelo suco de certa flor que Puck costuma instilar nos olhos de alguns predestinados, transmitida seguidamente aos espectadores da engenhosa mistificação.

Beni foi um desses predestinados, como o demonstra o soneto que logo adiante será lido.

Do nosso poeta diz Dolor Barreira, o insigne historiador da literatura cearense, no segundo tomo da sua grande obra:

"Nestas estrofes já se anuncia, alvissareiramente, o poeta que mais tarde, pelo correr do tempo, havia de criar, para a riqueza literária cearense, êsses sonetos que se chamam "O Flamboyant", "O Coqueiro", "Descendo o Jaguaribe", "Essência imperecível", "Harmonia do ocaso", "O Cais" e "Revendo o Jaguaribe" (estes três últimos inéditos), os quais não resisto à tentação de aqui para logo transcrever, evidência incontestável que são da nobreza e elegância da poesia de Beni Carvalho e de como as Musas, no dizer de Antônio Sales, lhe conferiram "o dom da forma, o entusiasmo lírico e o segredo das belas imagens".

Dentre as poesias que constituem "Chama Extinta" tive sempre como obra-prima o poema intitulado "Essência Imperecível", primor de forma, não obstante as rimas agudas dos quar-

tetos e escrínio de transcendente concepção poética. Ouvi o belo soneto:

*De ti, do teu casulo material
Todo o eflúvio de carne embriagador
Há-de passar, há-de fugir, tal qual
Se vai, de murcha rosa, o aroma e a côr.*

*De teu olhar, o cáldo fulgor,
De teus lábios, a música auroral,
Tudo se extinguirá, quando se fôr,
De teu corpo, a dinâmica vital.*

*Não morrerás, no entanto; eterna e viva,
Brilharás nos lampejos de tua alma,
Que a Morte não domina, não cativa.*

*E, então, como Virtude, hás-de viver,
Desfeita em branda luz, na suave e calma,
E espiritual essência do teu Ser!*

Ao revés da minha predileção, parece-me que Beni dava preferência, dentre todos os seus sonetos, ao intitulado "O Cais", da composição mais recente, em que o poeta dirige a palavra a antigo cais em ruínas, perquirindo as recordações que lhe deixaram os dias para sempre idos, com as saudades dos que partiam e as alegrias dos que regressavam, e também das recordações dos que não regressariam jamais:

*Quando te vejo, velho cais, em ruínas,
Perscruto a tua vida secular:
— Manhãs riosas em que te iluminas!
— Serenas noites de encantado luar!*

*Viste, partindo, ao canto das matinas,
Velhas naus, brancas velas, pelo mar:
— Dourados sonhos, ilusões divinas,
Ansia de descobrir e conquistar!*

*Hoje, todo em tristeza, te esbarrondas;
Mais uma voz oculta, dentre as ondas,
Te diz: "A sorte não te foi tão má:*

*Terás, em ti, esta legenda impressa:
— Recolheste o sorrir do que regressa
E a saudade de quem não voltará”.*

Em vez de peroração — parte do discurso que se arcaizou com a antiga retórica — esboçarei agora uma síntese de quanto ficou dito, esparsa e perfuntoriamente, a respeito da individualidade mental de Beni Carvalho. Como tal, teve êle dúplice fisionomia: foi o cultor do Direito, sôbre cuja ciência nos deixou notáveis obras, e foi o escritor magnífico, cujo perfil tentei fixar em pouco nítido esbôço. Melhor tê-lo-á feito Dolor Barreira, eminente historiador da literatura cearense, no 3º tomo da sua opulenta obra, ao definir literariamente o nosso sempre saudoso amigo: “Poeta finíssimo, — diz êle — cheio de vibração e de harmonia, repassado o seu estro de uma permanente e irreduzível emoção lírica. Não menos fino prosador, de frase elegante, estreme, correta, onde se revê de logo o jornalista de poderosa envergadura.

Cultura vasta e variada, que faz de Beni Carvalho, pelo pensamento e pelo estilo, um dos nossos maiores intelectuais.

Os seus versos, publicados desde 1907, pelo tempo em fora, entre outras, nas revistas “Fortaleza”, “A Cruzada”, “Panóplia”, “A Nota”, etc., enfeixou-os o bravo poeta no seu livro “Chama Extinta” (1937) com o que quis — apenas para seu mundo interior — é êle mesmo quem o afirma — “tentar o problemático milagre de reconstituir um passado desaparecido, experimentando a ilusão de que não morreu, de todo, nas emoções de outros tempos”.

Agregue-se a essas múltiplas funções a do notável parlamentar que êle foi, em duas legislaturas, a primeira interrompida pelo advento da ditadura, e a segunda magnificada por mais que valiosa contribuição ao estudo de questões atinentes a Direito Constitucional e Criminal, a problemas econômicos e de filologia, cumprindo pôr em relêvo a ação que desenvolveu contra a adoção oficial do mostrengo gráfico de 1945.

Ao terminar essa evocação de saudades, valho-me de uma

expressão de Euclides da Cunha, ao profeciar os "Poemas e Canções", de Vicente de Carvalho, adaptando-a ao meu caso: que outros traçam as verdadeiras linhas do perfil de Beni Carvalho, como homem de letras e professor de Direito e de línguas cultas; a mim coube apenas o aprazível encargo de fazê-lo ressurgir perante a benevolente assistência, no seu inalienável esplendor solar.